

ALVES, Francisco José. A Pátria é um orangotango: o Brasil nas crônicas de Graciliano Ramos. *Síntese*, Brasília, n. 5, p. 46-55, 2000.

Além de romances, Graciliano Ramos (1892-1953) também escreveu contos, memórias e crônicas. A sua obra romanesca tem vasta fortuna crítica. Desde a publicação, sua produção intelectual tem merecido a atenção dos estudiosos. Foi como romancista que ele se consagrou na condição de "clássico" da literatura brasileira. Em menor escala, o mesmo pode-se afirmar do Graciliano Ramos¹ contista e memorialista. Tal fato, entretanto, não ocorre com a produção cronística do autor. Quase nada foi escrito sobre o *corpus* constituído por 135 crônicas postumamente reunidas nos livros *Viventes das Alagoas e Linhas tortas* (1962). Volto minha atenção sobre esta última produção no propósito de analisar o perfil do Brasil (especialmente do Nordeste), patente nesses textos. A variedade e a extensão do material facultam visualizar os contornos do retrato da pá-

tria e da região na concepção de GR. A leitura das crônicas evidencia que o autor cultivava uma visão crítica do Brasil e do Nordeste. Ele se afasta da tradição ufanista vigente na literatura do começo do século. Suas crônicas são diagnósticos contundentes dos problemas nacionais. Conforme o cronista, o país é eivado de vícios: o verbalismo, o autoritarismo, o espírito de imitação, etc. Tomando a literatura como arma de combate, o autor contribui para a constituição de uma imagem problemática do Nordeste e do Brasil.

Uma influência importante na formação de GR foi, sem dúvida, o romancista português José Maria Eça de Queirós (1845-1900). O escritor foi leitor atento de Eça de Queirós e tomou-o como modelo no seu romance inicial *Caelés* (1933). O realismo do alagoano é tributário do realismo eciano. De fato, a influência

ACERVO DO

Prof.^o Dr. Francisco José Alves
Aracaju - Sergipe

do romancista português foi avassaladora na literatura brasileira da segunda metade do século XIX.² O influxo de Eça de Queirós sobre GR é patente. Em várias das suas cartas, o escritor relata as suas leituras entusiastas das obras do romancista lusitano. Ricardo Ramos, em livro evocativo, declara que seu pai sabia de cor capítulos inteiros de Eça de Queirós.³

Outro testemunho da influência de Eça de Queirós sobre GR é dado pelo dicionarista Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1910-1989). Conforme ele, o escritor lhe teria confessado: "Eça é um dos meus deuses". É incontestável o influxo do escritor português sobre GR.⁴ Além de marcar GR quanto à concepção de arte literária, Eça também o timbrou no tocante ao papel do intelectual como crítico da sociedade. O escritor português tinha como fito "mostrar as bases podres em que se assentava a sociedade portuguesa".⁵

Vê-se, portanto, na crítica social de GR, um eco das leituras de Eça de Queirós. Obviamente, Eça não é a única influência sobre ele. A este é preciso juntar Dostoiévski, Tolstói, Balzac e Zola. Como se vê, todos romancistas da vertente realista da literatura. "Eu não admito literatura de elogio".⁶ Essa declaração de GR em 1944 manifesta sua visão da literatura como crítica e análise problematizadora. Contra a literatura encarada como "sorriso da sociedade", credo comum às hostes parnasianas, GR afirmava o compromisso do literato com a crítica social, com a visão desmistificadora do mundo. Certa feita, declarou a Luís Carlos Prestes: "...minha arma é a pena".⁷

Iniciando a coluna "Traços a Esmo", no jornal de Palmeira dos Índios-AL, em 1921, GR revela a sua visão sobre a função da escrita. Nessa crônica de apresentação, o futuro romancista explicita sua posição marcada pela franqueza rude. Ele escreve: "Não direi, pobre matuto desengonçado, que sejas resoluto, forte, vivo, esperto. Eu mentiria se o fizesse. És apenas um pobre homem derreado ao peso da enxada, sofrivelmente achacado, otimamente obtuso".⁸ Sua literatura não tem como função lisonjear o leitor, mimando-o com "adjetivos doces". O retrato é desagradável, porém realista.

"Não desejo ser-te agradável, prefiro ser-te útil" (p. 52). É assim que o escritor encara a função da sua literatura: um diagnóstico realista dos vícios brasileiros.

Graciliano Ramos, ao contrário dos regionalistas do século XIX, não via o homem rural sob o "ângulo pitoresco, sentimental e jocoso".⁹ Tomado por um profundo senso crítico, o romancista focalizou o mundo rural nordestino sob a égide de uma negatividade polimorfa. Sua visão sobre o Nordeste e o Brasil tem, muitas vezes, a gravidade de uma *demarche* científica.

A visão do Brasil manifesta nas crônicas de GR tem caráter descritivo.¹⁰ Nelas, o escritor fixou traços da realidade brasileira, especialmente da nordestina. Convicto de que a boa literatura nascia da "observação cuidadosa dos fatos", GR foi um observador atento da sociedade e das pessoas. Exemplo disso é o protagonista do romance *São Bernardo*, Paulo Honório. Conforme o próprio GR, o personagem sintetiza características de diversos coronéis conhecidos por ele. Era um tipo social comum no Nordeste daquele tempo. O mesmo se pode dizer de outros personagens criados pelo romancista.

O Brasil, em sua totalidade, não escapa à visão corrosiva de GR. Não somente o Nordeste é qualificado com negatividade, mas toda a nação. Homem marcado pelo rigorismo ético, desagradava ao alagoano o nosso laxismo moral. Ele diagnostica numa crônica de 1938: "Tudo aqui é meio termo, pouco mais ou menos, somos uma gente de transigências..."¹¹ Não se trata, portanto, de um caso de rejeição às origens regionais ou um nordestino que deprecia o solo natal. A visão pessimista de GR diz respeito, talvez, a toda a humanidade. Essa característica do autor foi percebida por alguns dos intérpretes.

O propósito de castigar os costumes surge claramente numa crônica cujo tema é a mentira ou, mais precisamente, as exigências sociais de mentir. GR vai desfiando uma série de situações da vida coletiva que demandam o exercício da "peteca". "De todos os conhecimentos que de um cidadão se exigem, o essencial é este - saber mentir."¹²

ACERVO DO
Profº Dr. Francisco José Alves
Aracaju - Sergipe

Em alguns aspectos da caracterização do Brasil e dos brasileiros feita por GR fica difícil, para o analista, discernir se se trata de um retrato verista ou de uma caricatura com fins críticos. A linhagem estético-literária do escritor, no entanto, aponta para um retrato realista, produto da observação acurada.

Franklin de Oliveira, estudioso de GR, vê, na obra do escritor, "uma radiografia do Nordeste".¹³ A metáfora é bem adequada. Os textos de Graciliano Ramos são, de fato, visões em profundidade do homem e da sociedade nordestina. Para fazer essa "radiografia", o romancista vasculha a interioridade do opressor e do oprimido. Um retrato que dá conta tanto do social quanto do subjetivo. GR, sob o manto de romancista, realiza uma tarefa de sociólogo e psicólogo. A literatura do "Velho Graça" dá razão a Roland Barthes quando escreveu: "Todas as ciências estão presentes no monumento literário".¹⁴

Há, em primeiro lugar, as crônicas de costumes e os perfis de tipos sociais. Esse conjunto funcionou como carpintaria literária. São exercícios de observação do meio social vivido pelo futuro romancista. Outro feixe temático é formado por crônicas que tratam de livros e escritores. Nelas, GR assume o papel de crítico literário, escrutando a obra dos seus colegas de ofício, opinando sobre o que é a "boa" ou a "má" literatura. Essas são, *grosso modo*, as duas vertentes básicas da cronística de GR.

Na crônica, tanto quanto no romance, o autor traça um perfil bastante realista do Brasil do seu tempo. Averso ao ufanismo, não hesitava em radiografar as nossas feridas mais dolorosas. Certa ocasião, diagnosticava sobre sua região: "O Nordeste, (...) é atrasado em demasia, a propriedade aí se mantém pela força, às vezes cresce pela força".¹⁵

GR praticou o gênero cronístico ao longo da sua vida de escritor. As crônicas mais antigas foram publicadas em jornais alagoanos e cariocas no ano de 1915. O futuro romancista tinha então 23 anos. As mais recentes são datadas de 1950, portanto três anos antes da sua morte. A diversidade temática timbra o conjunto. De início, GR trata, sobretudo, de costumes e tipos do interior nordestino.

Às vezes, apenas uma notação *en passant*, outras, extensas considerações sobre um tópico específico. Em todo caso, o tom é sempre crítico, sarcástico ou francamente depreciativo. GR quase sempre escolhe um aspecto negativo para tematizar. Assume, sem disfarce, o papel de crítico da sociedade; toma o chicote do verbo e vergasta, impiedoso, o lombo dos vícios nacionais.

A cronística de GR tem na ironia e no sarcasmo os seus traços mais frisantes. Falando com sentido às avessas, dissecava hábitos e tipos sociais. O negativo aparece sob o disfarce do positivo. O ataque encoberto apela para a inteligência do leitor, que deve decifrar o verdadeiro sentido das assertivas do escritor crítico. A ironia, como disse o próprio GR, combina "malícia e bondade". Malícia porque evidencia um erro, defeito, ou vício e bondade, pois dissimula o ataque declarado agindo sob disfarce. Outra é a função do sarcasmo na crônica do autor. A crítica sarcástica é o ataque frontal, sem meias palavras, direto. GR combina essas duas estratégias de combate. Ora vale-se de uma, ora de outra.

A ironia acompanhou-o sempre. Um biógrafo, lembrando a sua atuação como professor de "aula noturna", em Palmeira dos Índios-AL, nos idos de 1910 a 1914, diz que o futuro romancista se valia dela como recurso pedagógico: a "ironia constante - e cortante".¹⁶

Aliás, a relação do escritor com esse tropo vem da sua infância. Foi quando menino que GR atentou para o sentido contrário do elogio que faziam a sua roupa. O fato é narrado num capítulo de *Infância* (1945).¹⁷ O episódio marcou o escritor para o resto da vida.

Para GR, era imperativo que os literatos brasileiros voltassem a sua atenção para a realidade do Brasil. "...necessitamos estudar as coisas nacionais", diz ele numa crônica datada de julho de 1945.¹⁸ Os artistas do verbo, conforme o romancista, deveriam escutar os problemas nacionais "de baixo para cima". Era necessário investigar e levar em conta a economia, pois nela residia a chave explicativa da sociedade. Nesse texto prescritivo, mostra-se um adepto confesso do materialismo histórico.

ACERVO DO
Prof. Dr. Francisco José Alves
Aracaju - Sergipe

A literatura de GR, bem como toda literatura regionalista dos anos 1930, tem papel capital na difusão de uma imagem problemática da região nordestina. O Nordeste, nos textos desses escritores, é o teatro de dramas como a seca, o cangaço, o messianismo. É o cenário do arcaico ou do decadente. O avesso do Brasil moderno representado pela região Sudeste. É inegável a importância dessa literatura na constituição de uma visão negativa da região entre as camadas letradas do Brasil desde os anos 1930. Até hoje, visualizamos o Nordeste a partir dessa ótica.

A produção de GR pertence à linhagem dessacralizadora das letras nacionais. Conforme Zilá Bernd, essa vertente da literatura brasileira tem-se caracterizado pela constante problematização da identidade nacional. Contrapõe-se a essa corrente estética e ideológica a literatura de sacralização, voltada para o fortalecimento dos mitos constituintes da brasilidade. De um lado, a crítica problematizante, do outro a mitificação da identidade brasileira.¹⁹

A importância da crônica jornalística como formadora de opinião foi bem percebida pela historiadora Margarida de Souza Neves. Em estudo sobre a crônica carioca entre o fim do século XIX e início do XX, ela nota "que a crônica, por seu estilo próprio como pelo seu suporte de difusão, o jornal, atinge um número maior de leitores que qualquer outro gênero".²⁰



Valentin Facioli, por sua vez, assinala que a literatura de Graciliano Ramos "tem penetrado ampla e generalizadamente no aparelho escolar brasileiro".²¹ O crítico fala, sobretudo, da literatura romanesca do autor. Todavia, em menor escala, o mesmo se pode afirmar da sua obra crônica: *Viventes das Alagoas* está, atualmente (1998), na décima edição, e *Linhas tortas*, na oitava. A institucionalização da literatura de GR implica, dentre outras coisas, perpetuar uma certa imagem do país e do povo entre as camadas letradas do Brasil.

A literatura de GR serviu para fixar e difundir um certo retrato do Nordeste, pintado com as cores sombrias da bruteza do meio natural e da violência humana. Ao contrário de outros escritores nordestinos marcados pelo lirismo e pelo pitoresco, o retrato regional realizado por Graciliano Ramos é de um realismo cruel. Expõe os traços mais contundentes da sociedade nordestina; é uma denúncia, embora não panfletária.

Para GR, o Brasil é um celeiro de vícios. Aqui têm vigência alguns hábitos perniciosos que precisariam ser corrigidos. O escritor raramente assume um papel propositivo. O seu fim é retratar algumas das mazelas brasileiras. O propósito é evidenciar problemas, não oferecer soluções. A carga viciosa é abrangente. Na esfera política, temos o coronelismo cristalizado na figura do "chefe político". No âmbito das mentalidades, vigora o fatalismo, o fanatismo religioso além da grandiloquência e do ufanismo. A educação é equivocada, pois só serve para "burrificar" as crianças. Cada um desses problemas foi objeto de considerações ao longo das crônicas de GR.

A visão negativa sobre o Brasil tem culminância numa crônica publicada em *O Índio*, em abril de 1921. Nesse texto, GR, sob o pseudônimo de J. Calixto, declara: "a rasteira! Este, sim, é o esporte nacional por excelência!"²² Para o cronista, o brasileiro é exímio nesse esporte. "No comércio, na indústria, nas letras, e nas artes, a rasteira triunfa." Como nos esclarece um outro alagoano, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, rasteira é, literalmente, um "movimento ardiloso, rápido e brusco, que con-

siste em meter o pé ou a perna entre as de outra pessoa em luta, jogo ou simples brincadeira, e provocar-lhe a queda".²³ Está claro que o cronista usa o termo no sentido de "traição", "engano" ou "logro". Retrato nada lisonjeiro do brasileiro.

O mandonismo da classe dominante foi o primeiro vício detectado por GR. Numa crônica datada de 1915, ele assegura: "Isto é um país a regurgitar de mandões de todos os matizes e feitios".²⁴ Para o romancista alagoano, esta era a dura verdade: o chefe político é a figura chave da vida política brasileira. Numa metáfora nada abonadora para a classe política nacional, diz que os chefes políticos "são os grossos batráquios da lagoa republicana". A república é uma lagoa onde coaxam, como sapos, os políticos. À época, 1915, GR tinha somente 23 anos. Era um iniciante, mas já possuía uma aguda consciência crítica dos problemas brasileiros.

Na crônica "D. Maria Amália", GR toma a personagem-título como símbolo dos chefes políticos do interior do Nordeste. Esmiúça (com minúcia) as relações entre estes e o Executivo. Mostra como funciona a política de favores, na qual o chefe político "vende" votos em troca de benefícios para si e para os apaniguados. Quanto ao voto popular, o cronista declara: "O eleitor cambembe vota para receber um par de tamancos, um jantar e o chapéu que o chefe político oferece...".²⁵ A pretensão de extirpar o caudilho da vida política brasileira não teve, segundo GR, sucesso, pois a categoria, a exemplo de "D. Maria Amália", resistiu a todas as comissões de sindicância e "está forte, gorda e bonita".²⁶

Traçando um retrato de uma capital nordestina (provavelmente Maceió), nas décadas iniciais deste século, GR, numa crônica denominada "Teatro I" (publicada em 1941), faz algumas anotações sobre o funcionamento da política estadual. Nesse contexto, "as escolas eram consideradas prejudiciais. Havia algumas, é certo, para dar emprego às filhas dos prefeitos, mas estas não forneciam aos alunos conhecimentos". Numa pincelada, o autor põe a nu o desvirtuamento da educação.

O propósito de o governador construir um teatro esbarrava numa dificuldade: "Impossível aumentar a receita, pois os amigos não pa-

gavam impostos e os inimigos, espremidos, estavam secos".²⁷ O governador, diante do impasse, apela para um empréstimo na Europa. GR observa, sarcástico: "O dinheiro obtido produziu vários benefícios, especialmente à personagem encarregada das negociações". O funcionário corrupto fixa-se na França e "aí, findou os seus dias, tranqüilo, gordo, europeu". Numa nota irônica, GR conclui: o funcionário ficou "tão esquecido da língua materna que já nem compreendia a vasta correspondência que o chamava".²⁸ Desse modo, com as armas do sarcasmo e da ironia, dissecava os vícios da política brasileira de ontem e de hoje.

Na sua visão, no Nordeste vigorava a violência como pilar sustentador da propriedade. Um mundo da prepotência dos proprietários das terras. Assim, Lampião não é um fato isolado, mas um fato social abrangente enraizado nas condições econômicas e mentais da região nordestina. Nessa perspectiva, assegurou numa crônica de 1938: "Lampião nasceu há muitos anos, em todos os estados do Nordeste".²⁹ O escritor, está claro, fala do cangaccirismo ou, usando um termo seu, "lâmpio-nismo". No restante da crônica, o romancista vai configurando uma espécie de tipo ideal do cangaciro. Ele é analfabeto, sofreu injustiças, é cruel, ataca as propriedades.

Em "O fator econômico no cangaço", crônica publicada postumamente em 1953, GR, dissecando as raízes econômicas do cangaccirismo, retrata o Nordeste como sendo a região onde têm vigência instituições como o cangaço e o messianismo. "O Nordeste (...) é atrasado em demasia...".³⁰ A região é atrasada, pois nela ainda existem instituições próprias de outras épocas. O parâmetro comparativo implícito é, sem dúvida, a configuração social do Sudeste. Contemporâneo, continuando suas observações sobre a região, GR mostra-a como sendo marcada por um meio natural "agressivo". No campo dos costumes, predominam os "hábitos patriarcais". É, pois, no plano da negatividade que GR figura o Nordeste tanto no âmbito da natureza quanto no da cultura. À natureza hostil, junta-se um arranjo social anacrônico, ultrapassado.

ACERVO DO
Prof^o Dr. Francisco José Alves
Aracaju - Sergipe

Diferenciando, no Nordeste, o litoral do sertão, GR mostra como, neste, "a vida humana, exposta à seca, à fome, à cobra e à tropa volante, tem valor reduzido e, por isso, o Júri absolve regularmente o assassino".³¹ Essa outra característica coroa o quadro negativo do Nordeste: uma região onde a vida é desvalorizada.

Outro "vício brasileiro" diagnosticado por GR é a retórica, a eloquência oca, o ruibarboismo (expressão cunhada por Gilberto Freyre (1900-1987) para denominar o modo de escrever ou discursar como Rui Barbosa (1849-1923)). GR odiava o "falar bonito", detestava "os homens loquazes que falam horas sem dizer nada".³² Para ele, era preciso evitar o "pedantismo" e a obscuridade. Numa palestra, ao final da vida, declarou: "O nosso interesse é que todas as pessoas nos entendam...".³³ E, numa carta à irmã, Leonor Ramos, dizia do Rio de Janeiro: "Aqui um sujeito calado é um sujeito burro. Fala-se, portanto, embora para não dizer nada".³⁴ Num texto inicial, ele disse: "Temos a idolatria da palavra, vazia embora. (...) Nossa preocupação máxima é falar bonito".³⁵

O ataque à verbosidade parece ainda numa crônica sobre Romano e Inácio da Catingueira, violeiros do interior da Paraíba. GR finda o texto com a observação: "Nas cantigas de violeiros, como em outras cantigas na Paraíba, e em toda parte, saem-se bem as pessoas que dizem a última palavra". E arremata com uma anotação irônica: "Natural. Quem não fala muito, aos berros, é incapaz". O vezo brasileiro da "verbiagem" é assim fustigado pelo romancista alagoano de modo cáustico.³⁶ A incontinência verbal é impiedosamente atacada por GR, que não perde oportunidade de ridicularizá-la.

Na visão de GR, a estrutura social brasileira era marcada por uma hierarquia perversa. A exclusão e a exploração eram os traços marcantes da pirâmide social. Retratando seu estado natal, Alagoas, ele sumaria: "Os que têm restos de energia emigram; outros olham os pontos cardeais esperando um milagre. Em cima, o fazendeiro, o negociante e o burocrata".³⁷ Em poucas linhas, um retrato da miséria. Essa visão sobre a sociedade não se atenuou com a velhice do escritor. Até o fim, cultivou uma vi-

são pessimista (ou realista?) do Brasil. Em suas *Memórias do cárcere*, não se mostra um entusiasta do futuro. Na cidade, a população deixa-se levar por demagogos, e, no interior, seguem o coronel e o vigário.³⁸

Algumas vezes, GR faz retratos sintéticos do Brasil. Em uma pincelada, o autor procura fixar um vício típico da cultura brasileira. Numa crônica do início da carreira, sobre o carnaval, o futuro romancista procura captar o Brasil no seu vezo exibicionista e imitador: "A nação é um cinematógrafo... na essência, exibição de figuras. Coisas de ver, de mostrar, exposição de objetos bonitos". E explica: "(...) estopa pintada de preto, a fingir casimira".³⁹ No cerne do comportamento brasileiro, o propósito de se passar por aquilo que não vê. No fundo, a simulação, o fingimento. Noutra imagem desabonadora: "A pátria é um orangotango. (...) Imitações, adaptações, reproduções - macaqueações".⁴⁰ Para Graciliano, o país é o reino do fingimento e da imitação servil.

De fato, para ele, o Brasil caracteriza-se por uma obstinada ignorância de si mesmo. O brasileiro não quer reconhecer os traços pouco louváveis da nossa cultura. Persiste no esforço de negar, retoricamente, os nossos defeitos, só enxergando o lado róscio da realidade. É uma situação "onde os indigentes evitam qualquer alusão à pobreza...".⁴¹ Para o cronista, esse procedimento é equivocado, pois pobreza, como outros males nacionais, é desagradável, mas tem existência real, não é um devaneio da imaginação. É nessa perspectiva que condena a literatura evasiva, que não trata dos diversos problemas brasileiros. Para ele, é imperativo que nosso escritores retratem nossos males.

Segundo o cronista, o brasileiro é marcado pela dualidade, um ser dividido entre a civilização e a vida selvagem. Observa ainda, numa crônica de 1938: "Uma parte do brasileiro quer civilizar-se, a outra conserva-se bugre, pintada a jenipapo e urucu; usa enduape e tem saudade da antropofagia".⁴² Essa cisão interior, entrevistada pelo romancista, tem muitos efeitos sobre a formação social brasileira. A nostalgia do passado selvagem mistura-se ao intento de igualar-se às nações civilizadas.

ACERVO DO
Profº Dr. Francisco José Alves
Aracaju - Sergipe



Cedo, GR percebeu um traço peculiar do brasileiro: o cabotinismo. Em 1915, estando no Rio de Janeiro, então capital federal, ele escreve para sua mãe, D. Maria Amélia Ferro Ramos: "O que sinto é morar numa terra onde só se pode conseguir alguma coisa com muito reclamo. Aqui tudo se resume nisto: cada sujeito faz propaganda de si mesmo".⁴³ Para o escritor, o Brasil é a terra da autoglorificação impudente, o reino do cabotinismo. Outros textos do final da vida do romancista reiteram essa convicção sobre o *ethos* brasileiro.

"É possível que haja em nós (...) alguns vestígios de Lampião. Talvez a energia esteja apenas adormecida, abafada pela verminose e pelos adjetivos idiotas que nos ensinaram na escola."⁴⁴ Nessa passagem de uma crônica intitulada "Lampião", GR atribui a falta de energia (física, política, econômica) às condições sanitárias (verminose) e à educação defeituosa (escola). Vê-se que, para o romancista, o perfil negativo (fraqueza) do nordestino decorre de fatores sociais, e não naturais. A origem do mal é efetivamente social. GR não naturaliza a miséria. Ecos das suas leituras de economia política.

O patriotismo ufanista foi outro traço nativo criticado por GR. Ao final da vida, ele escreveu em suas Memórias do cárcere: "... tenho horror aos patriotas, aos hinos e aos toques de corneta".⁴⁵ Essas linhas escritas no ocaso da vida (o escritor já estava doente) parecem fazer eco a uma crônica de 1921 sobre nos-

sas "canções belicosas". Nessa crônica de escritor iniciante, critica com virulência o patriotismo ("patriotada"), o belicismo e a linguagem obscura dos hinos patrióticos: "Gente de espinhaço mole, pernas bambas, cachaço envergado, cantando hinos guerreiros! E que hinos".⁴⁶ O ufanismo foi sempre tratado por GR como algo nocivo. Era mais um vício caboclo a ser duramente combatido. Retratando a natureza no Nordeste, numa notação sobre o cenário do cangaceirismo, ele observa que, na região, "a célebre fecundidade da terra é uma frase feita, dessas que embalaram, e ainda embalam, o otimismo nacional, teimoso e cego".⁴⁷ O "otimismo nacional", na sua visão, é uma forma de cegueira, ou seja, um modo de não encarar a realidade circundante. Essa cegueira teimosa é mais um vício a ser corrigido.

O patriotismo é novamente combatido numa crônica de 1938, por ocasião da morte do poeta Afonso Celso (1860-1938). Com coragem iconoclasta, lembra que o escritor falecido tinha sido responsável por "esse patriotismo farfalhado que olha para cima, cruza os braços e vive no mundo da lua".⁴⁸ O cronista não perdoa o patriotismo nefelibático e inativo. Contra essa visão, era preciso erigir uma "observação cuidadosa" das coisas nacionais. Era preciso olhar para baixo e arregaçar as mangas. Para GR, tais "patriotadas" não passavam de adulações.

Negativa era também sua visão sobre o corpo do brasileiro. Numa crônica publicada sob o pseudônimo de J. Calixto, ele desanca o corpo nativo. "Somos, em geral, franzinos, mirrados, fraquinhos, de uma pobreza de músculos lastimável." E continua, desfiando o terço da nossa indigência corporal: "Fisicamente falando, somos uma verdadeira miséria".⁴⁹

Entretanto, o autor não adota o estereótipo do brasileiro preguiçoso. Na crônica "O romance de Jorge Amado", escreve: "Dizer que nossa gente não trabalha é brincadeira. Apesar dos vermes, da sífilis, da cachaça, da seca e de outros males, ela trabalha desesperadamente e vive comendo, da banda podre, está claro".⁵⁰ Os males que abatem o brasileiro são de ordem sanitária (vermes, sífilis); cultural (alcoolismo); e

ACERVO DO
Prof.^o Dr. Francisco José Alves
Aracaju - Sergipe

natural (as secas). Todavia, devido dessas dificuldades, o brasileiro labuta contra as adversidades.

O tema da educação viciosa é tratado por GR numa crônica que dedicou ao livro infantil. Na "seleta clássica", o cronista classifica-a como "pançuda, tediosa, suporífera". Defeitos similares encontra na gramática e na história do Brasil. Para ele, os autores dessa literatura revelam "grande ignorância (...) da psicologia da criança". Valendo-se das lembranças pessoais, o cronista exemplifica: "...almas danadas me obrigaram a ler Camões aos oito anos". O descobrimento do caminho da Índia aos oito anos! É, positivamente, um abuso".⁵¹

Outro traço deplorado por GR é a linguagem sublime. Desagradava-o muito o costume, de alguns dos nossos literatos, de evitar a linguagem crua e direta e valer-se de circunlóquios sublimatórios. O autor não perdia a oportunidade para ridicularizar tal prática. Em várias das suas crônicas, cobre de motejo os praticantes desse estilo. Numa delas, "Um gramático", publicada em 1942, traça o perfil de um gramático paraibano da década de 1930, e o seu propósito de policiar a linguagem é mostrado com irônico desdém.⁵²

A grandiloquência da "frase sonora e difícil" é vergastada ainda numa outra crônica publicada em 1941, "O moço da farmácia". O texto é um perfil do jovem "escritor municipal" limitado pelo meio mesquinho e bairrista. Vez por outra, o escriba da vila publica, "uma coluna verbosa", no semanário local ou nas conversas "largas, uma daquelas palavras que viu no romance cacete".⁵³ Fazendo esse tipo, GR quis atacar o vício da "verbiagem", comum entre escritores daquele tempo.

Nem a história pátria escapa à verve corrosiva do autor de *Vidas secas*. Ele deplora a narrativa ufanista do nosso passado, a heroização da história. Numa crônica de 1915, desdenha as "gloriosas potocas que enchem nossa história".⁵⁴ Os feitos gloriosos da classe mandante são rebaixados à condição de "potocas", ou seja, mentiras. O combate à história heroizante é mais uma parcela da ofensiva do escritor contra o patriotismo "verboso"

que tanto lhe desagradava. É essa mesma postura que encontramos na sua "Pequena história da República", escrita na década de 1940 para participar de um concurso promovido pela revista *Diretrizes*.

Na "Pequena história da República", os figurões não escapam à irreverência do escritor alagoano. O todo-poderoso Getúlio Vargas comparece lembrado de que, em 1889, início da República, era menino no Sul e "montava em cabo de vassoura". GR põe o ditador na condição bem humana das brincadeiras infantis daquele tempo.⁵⁵ Nesse mesmo texto, dessoleniza a nossa história, reduzindo alguns dos seus fastos à condição de "trapalhadas". É um historiador iconoclasta, talhado na irreverência e no sarcasmo.



Nada escapa à visão crítica de GR, nem mesmo o seu estado natal – Alagoas. Na crônica "Um desastre", publicada em 1944, é assim que descreve a sua terra: "...na praia, há charco, mosquito, sezão; na caatinga, há seixo, cardo, fome. Entre as suas zonas, aperta-se a mata, com algodão e cana-de-açúcar, mas aí não se consegue terra facilmente; o salário é baixo – e para lá das cancelas o despotismo do proprietário vale o mosquito e o cardo juntos".⁵⁶ Estamos a milhas de distância do louvor exaltado à terra natal. Aqui temos um realismo de feito sociológico.

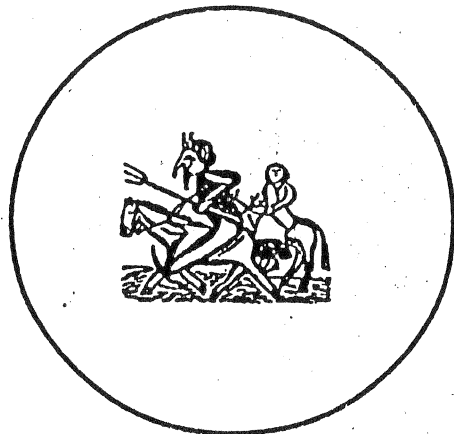
Dois fatores explicam talvez a visão pessimista do Brasil presente em GR. Em primeiro lugar, o "pessimismo orgânico" do escritor. A biografia e a obra do romancista atestam uma predileção pelo lado sombrio dos homens e da vida. No fundo, não acreditava na humanidade. O homem seria sempre um ser falho, marcado pela maldade ou pela carência. Esse é, sem dúvida, um componente da cosmovisão de GR. Outro elemento decorre das suas raízes na estética naturalista. Como é sabido, essa corrente

estética literária analisava o lado "podre" dos homens. O literato seria uma espécie de médico a fazer diagnósticos realistas dos males do mundo. Contra os devaneios da imaginação, o realismo erigia a observação cuidadosa dos fatos como procedimento básico na confecção da obra artística.

* Francisco José Alves é Doutor em História Social pela UFRJ, mestre em Antropologia pela UnB e professor do Departamento de História da UFS.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ Sobre Graciliano Ramos (1892-1953), consultar: BRUNO, Haroldo. "Graciliano Ramos". In: *Estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1957. p. 79-100; MENEZES, Djacir. "Graciliano Ramos". In: *Evolução do pensamento literário no Brasil*. Rio de Janeiro: ORG. Simões, 1954. p. 308-311; SODRÉ, Nelson W. "Graciliano Ramos". *Orientações do pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Vecchi, 1942. p. 99-121. Para biografia de Graciliano Ramos, ver: RAMOS, Clara. *Mestre Graciliano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979; RAMOS, Marili. *Graciliano Ramos*. Maceió: Indústria Gráfica Alagoana, 1979; SANTANA, Moacir Medeiros. *Graciliano Ramos antes de Caetés*. Maceió: Arquivo Público de Alagoas, 1983; SANTANA, Moacir Medeiros. *Graciliano Ramos: achegas bibliográficas*. Maceió: Arquivo Público de Alagoas, Senec, 1973; SILVEIRA, Paulo de Castro. *Graciliano Ramos*. Maceió: Funtec, 1982; SCHIMDT, Augusto F. (org.) *Homenagem a Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Alba, 1943; BARROS, Ivan. *Graciliano era assim*. Maceió: Sergasa/SEC. de Educação do Estado, 1984; MORAES, Dênis. *Mestre Graça*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- ² Ver, sobre José Maria Eça de Queirós (1845-1900) como crítico social: MENEZES, Djacir. *Crítica social de Eça de Queirós*. 2 ed. Fortaleza: UFCE, 1962.
- ³ RAMOS, Ricardo. *Graciliano: retrato fragmentado*. São Paulo: Siciliano, 1992. p. 115.
- ⁴ Apud MORAES, Dênis de. *O Velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992. p. 92.
- ⁵ SILVEIRA, Francisco M. "Eça de Queirós". In: MOISÉS, Massaud. *Pequeno dicionário de literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1981. p. 123-124.
- ⁶ MAIA, Ernesto Luís. "Os chamados romances sociais não atingiram as massas, declara Graciliano Ramos". *Renovação*. Rio de Janeiro, n. 13, maio-jun. 1944. Apud. MORAES, Dênis de. *O Velho Graça...* Rio de Janeiro: José Olympio, 1992. p. 202.
- ⁷ Apud. MORAES, Dênis de. *O Velho Graça...* Rio de Janeiro: José Olympio, 1992. p. 210.
- ⁸ RAMOS, G. "Traços a esmo". *Linhas tortas*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 51-53, citação, p. 51.
- ⁹ CÂNDIDO, Antônio. "Literatura e cultura de 1900 a 1945". In: *Literatura e sociedade*. 7 ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1985. p. 109-138, p. 114.
- ¹⁰ Sobre a crônica como gênero literário, consultar: CÂNDIDO, Antônio. "A vida ao rés do chão". In: *A crônica*. Campinas: Edit. da Unicamp; Rio de Janeiro: FCRB, 1992. p. 13-22; MOISÉS, Massaud. *Crônica*. In: *Dicionário de termos literários*. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 1985. p. 131-133. Massaud Moisés lembra-nos: a crônica é uma "expressão literária híbrida ou múltipla" que pode assumir a forma de alegoria, necrológio, entrevista, invectiva, apelo, resenha, confissão, monólogo, diálogo". Essa natureza multiforme da crônica faculta ao cronista uma ampla liberdade de forma e conteúdo. Tudo pode ser tema da crônica.
- ¹¹ RAMOS, G. "Virgulino". *Viventes das Alagoas*. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 141-143, p. 142.
- ¹² RAMOS, G. "Traços a esmo". *Linhas tortas*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 53-57, citação, p. 55.
- ¹³ OLIVEIRA, F. e outros. "Mesa redonda". In: GARBUGLIO, José Carlos (org.). *Graciliano Ramos: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1987. p. 417-454, p. 427.
- ¹⁴ BARTHES, R. *Aula*. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 1987. p. 18.
- ¹⁵ RAMOS, Graciliano. "O fator econômico no cangaço". *Viventes das Alagoas*. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 128-134, citação, p. 128.
- ¹⁶ LIMA, Valdemar de Souza. *Graciliano Ramos em Palmeira dos Índios*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1980. p. 105.
- ¹⁷ RAMOS, G. "Um intervalo". *Infância*. 16 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 193-198.
- ¹⁸ RAMOS, G. "O fator econômico no romance brasileiro". *Linhas tortas*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 253-259.



ACERVO DO
Prof^o Dr. Francisco José Alves
Aracaju - Sergipe

- ¹⁹ BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.
- ²⁰ NEVES, M. S. "Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas". In: *A crônica*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 75-92, p. 80.
- ²¹ FACIOLI, V. "Um homem bruto da terra". In: GARBUGLIO, José Carlos e outros. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987. p. 23-106.
- ²² RAMOS, G. "Traços a esmo". *Linhas tortas*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 83-86, citação, p. 83.
- ²³ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 1453.
- ²⁴ RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 9.
- ²⁵ RAMOS, G. D. Maria Amélia. *Viventes das Alagoas*. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 28-31, citação, p. 29-30.
- ²⁶ RAMOS, G. D. Maria Amélia. *Viventes das Alagoas*. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 31.
- ²⁷ RAMOS, G. "Teatro I". *Viventes das Alagoas*. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 52-55, citação, p. 54.
- ²⁸ RAMOS, G. "Teatro I". *Viventes das Alagoas*. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 52-55, citação, p. 54.
- ²⁹ RAMOS, G. "O fator econômico no cangaço". *Viventes das Alagoas*. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 128-134, citação, p. 128.
- ³⁰ RAMOS, G. "O fator econômico no cangaço". *Viventes das Alagoas*. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 128-134, citação, p. 129.
- ³¹ RAMOS, Graciliano. "Cabeças". *Viventes das Alagoas*. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 144-146, citação, p. 145.
- ³² RAMOS, G. "Um desastre". *Viventes das Alagoas*. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 159-162, citação, p. 159.
- ³³ RAMOS, G. "Uma palestra". *Linhas tortas*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 274-277, citação, p. 277.
- ³⁴ RAMOS, G. *Cartas*. Rio de Janeiro: Record, 1982. p. 62.
- ³⁵ RAMOS, G. "Romances". *Linhas tortas*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 147-151.
- ³⁶ RAMOS, G. "Desafio". *Viventes das Alagoas*. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 77.
- ³⁷ RAMOS, Graciliano. "Um desastre". *Viventes das Alagoas*. Rio de Janeiro: Record, 1982. p. 159-162, citação, 159.
- ³⁸ RAMOS, G. *Memórias do cárcere*. 23 ed. Rio de Janeiro: Record, v. 1.
- ³⁹ RAMOS, G. "Traços a esmo". *Linhas tortas*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 60-159.
- ⁴⁰ RAMOS, G. *Linhas tortas*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 60.
- ⁴¹ RAMOS, G. *Viventes das Alagoas*. 10 ed. São Paulo: Record, 1980. p. 90-93.
- ⁴² RAMOS, G. *Viventes das Alagoas*. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 32-35.
- ⁴³ RAMOS, G. *Cartas*. Rio de Janeiro: Record, 1982. p. 83.
- ⁴⁴ RAMOS, G. "Lampião". *Viventes das Alagoas*. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 135-137, citação, p. 137.
- ⁴⁵ RAMOS, G. *Viventes das Alagoas*. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 12.
- ⁴⁶ RAMOS, G. "Traços a esmo". *Linhas tortas*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 58-60, citação, p. 58.
- ⁴⁷ RAMOS, G. "Dois cangaços". *Viventes das Alagoas*. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 149-159, p. 149.
- ⁴⁸ RAMOS, G. "Uma eleição". *Linhas tortas*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 178-179.
- ⁴⁹ RAMOS, G. "Traços a esmo". *Linhas tortas*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 60-62, citação, p. 60.
- ⁵⁰ RAMOS, G. "O romance de Jorge Amado". *Linhas tortas*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 92-96, citação, p. 93.
- ⁵¹ RAMOS, G. "Traços a esmo". *Linhas tortas*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 66-68, citação, p. 68.
- ⁵² RAMOS, G. "Um gôumático". *Viventes das Alagoas*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 90-93.
- ⁵³ RAMOS, G. "O moço da farmácia". *Viventes das Alagoas*. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 32-35.
- ⁵⁴ RAMOS, G. *Linhas tortas*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 9-10.
- ⁵⁵ Sobre a *Pequena história da República*, de Graciliano Ramos, consultar: ANTELO, Raul. *Literatura em revista*. São Paulo: Ática, 1984. p. 55-56; VIEIRA, José Geraldo. "A dioptria de Alexandre". In: RAMOS, G. *Alexandre e outros heróis*. 4 ed. São Paulo: Martins, sd., p. 9-22.
- ⁵⁶ RAMOS, G. "Um desastre". *Viventes das Alagoas*. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 159-162.